

Sociologia global em um mundo em crise: Entrevista com Geoffrey Pleyers

Sociología global en un mundo en crisis: Entrevista con Geoffrey Pleyers

Global Sociology in a World in Crisis: Interview with Geoffrey Pleyers

Entrevistado: Geoffrey Pleyers¹

Entrevistador: Breno Bringel²

Resumo

Nesta entrevista, Pleyers busca explorar as relações entre a sociologia dos movimentos sociais e a sociologia geral. Ele demonstra que esta leitura prática da sociologia geral ajuda a superar as tendências de hiperespecialização e a focalizar a importância dos movimentos como produtores da sociedade. Pleyers explica que a relação entre mudança social e crise não é simples, exigindo um entendimento complexo das instituições e da política. A sociologia é, logo, importante para criar saídas para os atuais cenários pessimistas e a ISA, da qual ele é presidente, tem um papel central para mobilizar a comunidade internacional de sociologia

¹ Universidade de Louvain. <https://orcid.org/0000-0001-9949-5047>. Diretor de Pesquisa da FNRS na Universidade de Louvain. Ele é membro da Internacional Convivialista e atualmente preside a Associação Internacional de Sociologia (ISA), geoffrey.pleyers@uclouvain.be.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos da (IESP-UERJ). <https://orcid.org/0000-0002-6961-310X>. Doutor pela Universidad Complutense de Madrid (UCM), com menção “Doutor Europeu” – University of Cambridge. É Professor do IESP-UERJ, Cientista do Nosso Estado da FAPERJ, Pesquisador do CNPq e da UCM. Coordena o Observatório de Geopolítica e Transições Ecosociais em Madri e o Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina no Rio de Janeiro. Atualmente, também é editor de Global Dialogue (revista da Associação Internacional de Sociologia publicada em quinze idiomas) e vice-presidente da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS), responsável pela organização do XXXV Congresso ALAS em 2026 no Rio de Janeiro. Atua principalmente nas áreas de sociologia política, teoria social e sociologia latino-americana e seus últimos livros são Colonialismo Verde: geopolítica e transições ecosociais (Editora Elefante, 2025) e Movimientos sociales y política em Brasil (CLACSO, 2024). brenobringel@iesp.uerj.br

para pensar estas alternativas que, agora, passam necessariamente pela consideração do universo digital.

Palavras-chave: Crise; movimentos sociais; sociologia geral.

Resumen

En esta entrevista, Pleyers busca explorar las relaciones entre la sociología de los movimientos sociales y la sociología general. Demuestra que esta lectura práctica de la sociología general ayuda a superar las tendencias de hiperespecialización y a enfocar la importancia de los movimientos como productores de la sociedad. Pleyers explica que la relación entre cambio social y crisis no es simple, exigiendo una comprensión compleja de las instituciones y de la política. La sociología es, por lo tanto, importante para crear salidas a los actuales escenarios pesimistas y la ISA, de la cual él es presidente, tiene un papel central en movilizar a la comunidad internacional de sociología para pensar estas alternativas que, ahora, pasan necesariamente por la consideración del universo digital.

Palabras clave: Crisis; movimientos sociales; sociología general.

Abstract

In this interview, Pleyers seeks to explore the relationship between the sociology of social movements and general sociology. He shows that this practical reading of general sociology helps overcome the tendencies toward hyperspecialization and highlights the importance of movements as producers of society. Pleyers explains that the relationship between social change and crisis is not simple, requiring a complex understanding of institutions and politics. Sociology is, therefore, important for creating pathways out of the current pessimistic scenarios, and the ISA, of which he is president, plays a central role in mobilizing the international sociology community to reflect on these alternatives, which now necessarily involve consideration of the digital realm.

Keywords: Crisis; social movements; general sociology.

Geoffrey Pleyers é Diretor de Pesquisa da FNRS na Universidade de Louvain. Ele é membro da *Internacional Convivialista* e atualmente preside a Associação Internacional de Sociologia (ISA), que reúne 84 associações nacionais de sociologia e 67 comitês temáticos de pesquisa. Geoffrey concedeu uma entrevista especial para **Breno Bringel**, Professor de Sociologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e presidente do comitê que organiza o congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), que vai se realizar no Rio de Janeiro em 2026. A REALIS se sente honrada de poder divulgar esta entrevista em português e para o

público brasileiro e latino-americano, ajudando a divulgar os grandes temas que desafiam a sociologia mundial.

Breno Bringel (BB): *Os especialistas em movimentos sociais estão familiarizados com suas contribuições ao alter-ativismo e aos movimentos globais. No entanto, uma característica específica do seu trabalho está no fato de que você ultrapassa os limites de um campo especializado para repensar as ligações entre a sociologia dos movimentos sociais e a sociologia geral. Poderia falar mais sobre essa perspectiva aos nossos leitores?*

Geoffrey Pleyers (GP): Os movimentos sociais são um tema fascinante para o estudo da sociedade e das mudanças sociais. Alain Touraine [1978] desenvolveu uma abordagem para a sociologia dos movimentos sociais como uma sociologia geral, analisando os movimentos sociais como produtores da sociedade. Acredito que eles são tanto os produtores quanto os produtos da sociedade. Eles refletem as mudanças emergentes nos valores e nas formas de convivência, por exemplo, com o uso inovador de novas ferramentas de comunicação ou do processo de individualização. Eles também são atores ³na transformação das sociedades. Os movimentos sociais nos alertam para problemas, denunciam injustiças e mudam nossa percepção da sociedade, do mundo e da convivência. Isso se aplica aos movimentos progressistas, nos quais a maioria dos estudos políticos e de ciências sociais se concentrou até recentemente, mas também aos movimentos reacionários que ganharam influência e conseguiram disseminar sua visão de mundo e seus valores em muitos países.

Conectar um campo da sociologia, como os movimentos sociais, à sociologia geral também significa se opor à hiperespecialização que domina a disciplina. Nesse sentido, concordo com o apelo de Alain Caillé e Frédéric Vandenberghe [2016] por uma sociologia geral que seja mais bem articulada com a filosofia política e moral, que está no centro do projeto MAUSS (Movimento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais). Lamento que a sociologia da ação coletiva tenha se tornado um campo cada vez mais especializado, distanciando-se das principais questões da sociologia geral. Há excelentes pesquisas sobre a

³ Vale lembrar que a Revue du MAUSS que divulga o pensamento do movimento MAUSS inspirou a criação do Boletim do MAUSS, em 2006, que veio, posteriormente, se transformar na Revista REALIS, em 2011. Esta procurou ampliar a crítica antiutilitarista com o debate pós-colonial na América Latina.

evolução das escolhas táticas nas mobilizações, as trajetórias e os perfis dos ativistas, o número de manifestações ou análises detalhadas de slogans. Esses assuntos muito específicos são interessantes por si só, mas acabamos esquecendo o que está no cerne dos movimentos sociais: o desejo de transformar a sociedade, em suas várias dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais.

Os movimentos sociais levantam o tema da mudança social, que é uma das questões centrais e fundamentais da sociologia. Na década que antecedeu a pandemia, houve uma onda global de movimentos de cidadãos em uma escala incomum, com as revoluções árabes, os movimentos Occupy the Square e, em muitos países, mobilizações de milhões de cidadãos exigindo melhor democracia, melhores serviços públicos e que fossem tratados com respeito e dignidade pelo Estado e seus atores [Pleyers & Glasius, 2013]. Nos últimos anos, houve, porém, um sentimento de decepção entre as pessoas envolvidas em movimentos progressistas e que os pesquisam. Apesar do número e da escala desses movimentos, vivemos agora em um mundo menos democrático, mais desigual e no qual o impacto das mudanças climáticas e da destruição da natureza é visível todos os dias. Vivemos agora em um mundo mais desigual do que em 2011, e o autoritarismo está aumentando, mesmo em países com uma longa tradição de democracia.

Para entender os movimentos sociais e seu impacto, precisamos abandonar a ilusão de uma relação simples e linear entre crise e mudança social e, de forma mais ampla, entre a ação dos movimentos sociais, a mudança política e a mudança social. O entusiasmo daqueles que anunciam uma mudança radical na sociedade assim que surge um movimento, por um lado, e o pessimismo daqueles que reduzem as explosões às ilusões coletivas de uma minoria de um povo, por outro, precisam ser qualificados. Costumo tomar como exemplo a ampla vitória da direita nas eleições de junho de 1968 na França. Isso invalidou o movimento de maio? Ela encerrou o período de influência desse movimento? Hoje, ninguém se lembra da vitória eleitoral da direita, embora maio de 1968 continue sendo um dos eventos decisivos do século XX. Ele incorporou a profunda mudança cultural que ajudou a moldar e disseminar. Devemos ter cuidado para não avaliar o impacto dos movimentos sociais apenas no curto prazo e, acima de tudo, não reduzi-los à influência que podem ter na política partidária e nas eleições.

Além disso, a mudança social nunca é tão rápida e linear quanto os atores sociais e muitos pesquisadores gostariam. Esse é o principal argumento de meu último livro, [publicado](#)

[pelo CLACSO \(Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais \[Pleyers, 2024\]](#). Baseei minha pesquisa na revolta social de 2019 no Chile, nos movimentos religiosos (progressistas e conservadores) no Brasil e nos movimentos e iniciativas de ajuda mútua durante a pandemia, que analisei [em um artigo publicado na revista MAUSS \[Pleyers, 2021\]](#). A mudança social é um processo complexo. Para os ativistas de movimentos sociais, ela envolve a euforia da indignação compartilhada e os sonhos de um mundo mais justo e solidariedade que marcam as grandes mobilizações, mas também as decepções da maioria dos processos eleitorais, que raramente refletem a profundidade da mudança social e cultural impulsionada pelos movimentos sociais.

BB: Você dedicou vários artigos à sociologia global, de um ponto de vista teórico, e esse é o tema de suas apresentações em conferências nacionais e regionais de sociologia em diferentes continentes. Mas essa sociologia global também está no centro de suas práticas de pesquisa. Como a perspectiva global surgiu em sua carreira, a partir de sua pesquisa inicial sobre o movimento antiglobalização?

GP : Cresci em um vilarejo muito distante das cidades globais. Meus pais não tiveram a chance de concluir o ensino médio. No entanto, esse vilarejo é um caldeirão intercultural na fronteira entre a Bélgica, a Holanda e a Alemanha. As raízes e o dialeto locais se combinam com uma abertura para outras culturas, tradições e histórias. Foi uma primeira abertura. Ainda é muito europeu, mas desde cedo tive a experiência de interagir com membros da família ou outras pessoas cujo idioma você entende apenas parcialmente, que são marcadas por diferentes histórias nacionais e outras maneiras de fazer e pensar.

Uma nova vida começou quando me mudei para Paris, para fazer meu mestrado e depois meu doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e no CADIS, o centro fundado por Alain Touraine e dirigido por Michel Wieviorka. Era um ambiente muito internacional e estimulante, com pesquisadores de todos os continentes e, em especial, muitos alunos de doutorado e professores da América Latina. Dediquei minhas dissertações de mestrado e minha tese ao movimento antiglobalização, que estudei de 1999 a 2010. Participei dos sete primeiros Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre, Mumbai, Bamako e Nairóbi. Eles reuniram até 180.000 ativistas de todos os continentes. Viajei para o México todos os

anos entre 2002 e 2020, com várias visitas a Chiapas para me reunir com os zapatistas, o povo indígena em luta. Desde então, o diálogo com colegas, atores e amigos da América Latina se tornou fundamental para minha maneira de ver o mundo e fazer sociologia. Aprendi muito com as experiências organizacionais horizontais de certos alterglobalizadores, e o movimento zapatista continua sendo uma fonte de inspiração em nível pessoal e em grupos e organizações de pesquisa, mesmo que o contexto e os desafios da Associação Internacional de Sociologia (ISA) sejam muito diferentes. Depois do meu doutorado, realizei pesquisas em Bangalore, na Índia, e em redes alimentares alternativas em Nova York. Também continuei a realizar pesquisas na Europa e na América Latina, principalmente estudando movimentos ambientais e a onda global de movimentos "Occupy" a partir de 2011 e ao longo da década, incluindo mobilizações de cidadãos no Brasil, em 2013, Nuit Debout na França, em 2016 e a revolta social no Chile, em 2019.

BB: Parece que a imaginação de um futuro no qual "outro mundo é possível" deu lugar à imaginação de "outro fim do mundo é possível". Estamos enfrentando enormes desafios, como uma policrise civilizacional, a deterioração da democracia, a normalização do autoritarismo, o aprofundamento do militarismo e da cultura da guerra, a emergência climática e a ultrapassagem dos limites planetários. Como você avaliaria esse cenário?

GP: Cada geração de sociólogos considera que está vivendo um momento crucial da história, uma crise sem precedentes que determinará o futuro da humanidade. Nós não somos exceção. Estamos vivenciando e analisando nossa época como um emaranhado de crises interconectadas, uma "polycrise", que um número crescente de pesquisadores está interpretando como uma "crise de civilização", adotando uma perspectiva desenvolvida por pesquisadores latino-americanos nos últimos dez anos.

Desde suas origens, a modernidade tem sido vivenciada como uma sucessão de crises. Desta vez, no entanto, não é apenas o futuro da humanidade que está em jogo, mas também o do nosso planeta. *"Como viver juntos em um planeta limitado"* é provavelmente o maior desafio do século^{xxi}. A sociologia deve contribuir para entender os problemas e resolvê-los, e é por isso que a vice-presidente de pesquisa da ISA, Allison Loconto, escolheu "Knowing Justice in the Anthropocene" (Conhecendo a justiça no Antropoceno) como tema do Fórum

Mundial de Sociologia a ser realizado em Rabat em julho de 2025, e eu propus "What global sociology on a limited planet" (Que sociologia global em um planeta limitado) para o Congresso Mundial de 2027 em Gwangju, Coreia do Sul.

As mudanças climáticas e a destruição da natureza se aceleraram, mas não começaram em nossa época. Elas estão enraizadas na maneira moderna de ver o mundo e de organizar a vida e a sociedade. Isso possibilitou a melhoria do padrão de vida de grande parte da humanidade em um ritmo e nível sem precedentes. Entretanto, esse sucesso da modernidade é inseparável de seus lados mais sombrios, incluindo o colonialismo e a destruição da natureza. A humanidade enfrenta uma responsabilidade histórica à medida que uma série de limites e pontos de não retorno são ultrapassados, perturbando o equilíbrio dos ciclos naturais com consequências para os próximos séculos. No entanto, individual e coletivamente, continuamos a viver como se esse não fosse o caso. Há poucos sinais motivadores para a mudança que é tão urgentemente necessária. Apesar da crescente emergência climática e dos limites que estão sendo ultrapassados nos ciclos naturais e na biodiversidade, continuamos a destruir a natureza, e estamos fazendo isso em um ritmo cada vez mais acelerado. Parece até que estamos nos movendo na direção oposta: em todos os continentes, há uma reação contra a ecologia e contra as medidas tímidas que foram adotadas para tentar limitar a destruição da natureza e o aquecimento global.

O mesmo pode ser dito das demandas por maior democracia que foram tão fortemente expressas no início da década de 2010. Com a ascensão do autoritarismo, a multiplicação de guerras, o sucesso de atores reacionários e espaços públicos cada vez mais polarizados. O aumento do autoritarismo é um desafio para a democracia. É também uma ameaça para as ciências sociais. Estou muito preocupado com as ameaças à liberdade acadêmica. Na Associação Sociológica Internacional (ISA), recebemos regularmente informações sobre sociólogos que são ameaçados, suspensos ou reprimidos por causa de suas pesquisas, de críticas a um líder nacionalista ou por colocar a guerra em Gaza em seu contexto histórico e geopolítico. Precisamos urgentemente nos organizar melhor, apoiar nossos colegas e pedir aos governos que protejam (e, em muitos casos, parem de atacar) a liberdade acadêmica e parem de atacar os cientistas sociais, os pesquisadores e as ciências sociais. A esse respeito, a evolução do debate na França desde 2016 é muito preocupante, como aponta Eric Fassin [2024], mesmo que continue muito diferente dos regimes autoritários e ditatoriais em que a

sociologia crítica não é mais possível. O que mudou nos últimos dez anos é que a liberdade acadêmica não é ameaçada apenas em regimes autoritários. Debates cruciais agora são proibidos nas universidades, e medidas de vigilância em torno de determinados temas de pesquisa - como gênero ou a guerra de Israel em Gaza - estão sendo implementadas em países que até recentemente eram considerados algumas das democracias mais sólidas, como a França [Fassin, 2024], a Alemanha e a Suíça [Lettre Ouverte, 2024].

As ameaças à liberdade acadêmica também vêm de certos atores do mundo acadêmico. Juntamente com a Comissão de Direitos Humanos da ISA, pedimos a todas as universidades, fundações e instituições ativas nas ciências sociais que parem de discriminar colegas que realizam pesquisas sobre assuntos específicos ou com determinadas populações, ou que expressam sua oposição à guerra, à violência e à repressão.

BB: Como você vê a sociologia neste mundo e diante desse cenário pessimista?

GP: A sociologia tem como objetivo entender as transformações de nosso mundo. Mas nossa disciplina não está fora desse mundo. Ela também é afetada por essas transformações [Pleyers, 2024b]. No mundo de hoje, as ciências sociais, e a sociologia em particular, às vezes parecem estar sendo atacadas por todos os lados.

Os atores reacionários estão cada vez mais atacando diretamente os cientistas sociais e as ciências sociais. Mesmo em países democráticos, alguns governos estão atacando as ciências sociais ou questionando sua cientificidade, principalmente no campo de estudos de gênero e perspectivas críticas. Outro grande desafio é a transformação da esfera pública por meio das redes sociais. Como podemos não ficar desanimados quando vemos como as informações falsas ("fake news") ou uma opinião infundada expressa nas redes sociais muitas vezes têm mais peso do que os resultados de pesquisas solidamente estabelecidas?

Isso significa que a sociologia atual está em crise? Isso é o que muitos sociólogos ocidentais vêm dizendo desde a década de 1970. De minha parte, defendo a perspectiva exatamente oposta: estamos vivendo em uma época extraordinária para a sociologia. Tenho a sorte de conhecer e ler sociólogos de diferentes continentes. Em todos os lugares, vejo o dinamismo da sociologia e a escala das transformações pelas quais ela passou desde a virada do século, que a regeneraram.

Os principais desenvolvimentos na sociologia durante esse período são encontrados na maior abertura da disciplina para perspectivas críticas que surgiram na fronteira da disciplina ou fora dela, muitas vezes com uma postura crítica em relação a ela.

Os sociólogos há muito tempo são hostis a essas perspectivas, que, além disso, se desenvolveram fora da sociologia. Desde o início do século ^{XXI}, a sociologia tem se tornado mais aberta a essas abordagens críticas. Ela conseguiu abrir espaços para o diálogo com essas perspectivas críticas, com campos temáticos de pesquisa (os "estudos") dos quais integrou certas contribuições cruciais e com teorias e perspectivas de diferentes regiões do mundo. Isso deu origem a diálogos críticos, mas frutíferos, a um questionamento de certos pressupostos dos métodos e epistemologias dominantes e a novas formas de pensar sobre o mundo e a sociologia. Graças às contribuições das abordagens feministas e interseccionais, dos estudos subalternos, pós-coloniais e decoloniais e das perspectivas e epistemologias do Sul, novos diálogos foram abertos e novas vozes foram ouvidas. Esses diálogos tiveram um impacto transformador. Revisitamos a história de nossa disciplina, seus cânones e alguns de seus preconceitos.

A disciplina foi fundada no coração da modernidade industrial, quando a natureza e o crescimento econômico pareciam ilimitados e os estados-nação estavam consolidados. Naquela época, acreditava-se que os homens brancos ocidentais estavam no comando da história mundial. Não há dúvida de que eles dominaram a sociologia e que a maneira como esses "pais fundadores" pensavam sobre o mundo permaneceu ancorada em muitos de nossos conceitos e teorias. Portanto, é apropriado questioná-los e revisitá-los de forma crítica.

Ainda há muito a ser feito nessa área. Estamos apenas no início de um longo caminho. Mas vamos analisar também a escala do que foi alcançado no primeiro quarto do século XXI. Quando eu era estudante, a história da sociologia era resumida pelas contribuições de alguns pesquisadores ocidentais, todos homens brancos. Hoje em dia, não é mais possível ensiná-la sem dedicar uma sessão a W.E.B. Du Bois, Harriet Martineau ou Frantz Fanon, discutir desigualdades sem integrar perspectivas de gênero e interseccionalidade, apresentar teorias contemporâneas sem se referir às contribuições cruciais da América Latina e de outras regiões do Sul global, apresentar o método de pesquisa de alguém sem estar ciente de sua posição [Haraway, 1988]. Reconhecer as contribuições e perspectivas de pesquisadores de outras partes do mundo e de outras origens sociológicas abre portas para visitar nossa disciplina,

fazer perguntas diferentes e, acima de tudo, obter uma melhor compreensão de nosso mundo, seus desafios e as alternativas que poderiam torná-lo mais justo e sustentável.

Alguns temem que as questões de representatividade prejudiquem a qualidade ou a cientificidade da sociologia. Para mim, a incorporação das perspectivas de autores de diferentes regiões do mundo e de mais mulheres e sociólogos de minorias na história da disciplina e em suas contribuições contemporâneas é menos um projeto de democratização da sociologia por meio do cumprimento de critérios de diversidade e da garantia de acesso equitativo à disseminação do conhecimento do que de desenvolvimento de uma sociologia mais bem informada e mais relevante, capaz de fornecer análises mais complexas e multissituadas dos desafios enfrentados por nossas sociedades.

Entretanto, não devemos cair na armadilha oposta, que seria ignorar todas as contribuições à sociologia feitas por pessoas de categorias dominantes ou do mundo ocidental. Desde seu início, as perspectivas pós-coloniais e descoloniais [Grosfoguel, 2011] e pós-coloniais, ou a sociologia "indígena" na Índia [Thakur, 2012], não se basearam em uma rejeição de toda a sociologia ocidental, mas em um diálogo com as contribuições de uma sociologia ocidental [Césaire & Thebia, 1997] cujo eurocentrismo não podia mais ser ignorado. Hoje, uma sociologia global não pode permanecer enraizada nas universidades e nos cânones ocidentais que se apresentam como universais, nem se limitar a criticar essa sociologia ocidental.

As contribuições de pesquisadores e atores de diferentes partes do mundo são essenciais se quisermos compreender melhor o nosso mundo e enfrentar os desafios do nosso século. A ascensão do autoritarismo e dos atores reacionários, por um lado, e as mudanças climáticas e o colapso ecológico, por outro, nos obrigam a pensar sobre o nosso mundo (e sobre a nossa disciplina) de forma diferente e a contribuir efetivamente para maneiras perspicazes de enfrentar os desafios do nosso tempo. A tarefa é imensa. Entretanto, também temos novos recursos à nossa disposição para atender a essa necessidade.

A ascensão do mundo digital e agora da inteligência artificial impõe novos desafios. Ele também nos dá acesso a grandes quantidades de dados e a ferramentas de análise muito mais poderosas [John-Mathew & Cardon, 2022]. Um recurso ainda mais importante é a melhor integração do conhecimento, das análises e das contribuições de pesquisadores de todas as partes do mundo. De muitas maneiras, a sociologia é mais aberta, criativa e robusta

do que era na virada do século. Estamos mais bem equipados para contribuir para a compreensão do mundo e para ajudar a enfrentar os desafios de nosso tempo. Esta primeira parte do século XXI é uma época empolgante para ser sociólogo.

Referências

- CAILLÉ Alain, VANDENBERGHE Frédéric, 2016, *Pour une nouvelle sociologie classique*, Lormont, Le Bord de l'eau.
- JOHN-MATHEWS, Jean-Marie, CARDON Dominique, 2022, The Crisis of Social Categories in the Age of AI (A crise das categorias sociais na era da IA), *Sociologica*, Vol. 16(3), p. 5-16
- CÉSAIRE, Aimé & THEBIA Melsan, Annick, 1997, *Une Arme miraculeuse contre le monde bâillonné. Interview with Aimé Césaire*, Le Courrier de l'UNESCO, Vol. 50(5), pp. 4-7. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000105954_fre
- FASSIN, Eric, 2024, *Misère de l'antiintellectualisme*, Paris, Textuel.
- GLASIUS, Marlies & PLEYERS, Geoffrey, 2013, *The global dimension of square movements*, Socio. Revue de sciences sociales, Vol. 1(2), pp. 59-80, <https://journals.openedition.org/socio/393>
- GROSFOGUEL, Ramón, 2011, "Decolonizing Post-Colonial Studies and Paradigms of Political-Economy", *Transmodernity* Vol. 1, DOI: 10.5070/T411000004
- HARAWAY, Dana, 1988, "Situated knowledge: The science question in feminism and the privilege of partial perspective", *Feminist Studies*, 14(3), p. 575-99.
- CARTA ABERTA, 2024, Em defesa da liberdade acadêmica na Suíça, <https://www.academicfreedom.ch/fr>
- PLEYERS, Geoffrey, 2020, *La solidarité et l'entraide comme réponses des mouvements sociaux à la pandémie*, *Revue du MAUSS*, n°56, p. 409-421. <https://shs.cairn.info/revue-du-mauss-2020-2-page-409?lang=fr>
- PLEYERS, Geoffrey, 2024a, *El cambio nunca es lineal. Movimientos sociales en tiempos polarizados*, Buenos Aires: CLACSO. <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/251093/1/El-cambio-nunca-es-lineal.pdf>

PLEYERS, Geoffrey, 2024b, *Une sociologie globale en pleine transformation*, Socio-Logos, Vol. 20, <https://journals.openedition.org/socio-logos/6790>

TOURAINE, Alain, 1978, *La voix et le regard*, Paris, Seuil.

THAKUR, Manish, 2012, "Radhakamal Mukerjee and the Quest for an Indian Sociology" (Radhakamal Mukerjee e a busca por uma sociologia indiana), *Sociological Bulletin*, Vol. 61(1), pp. 89-108